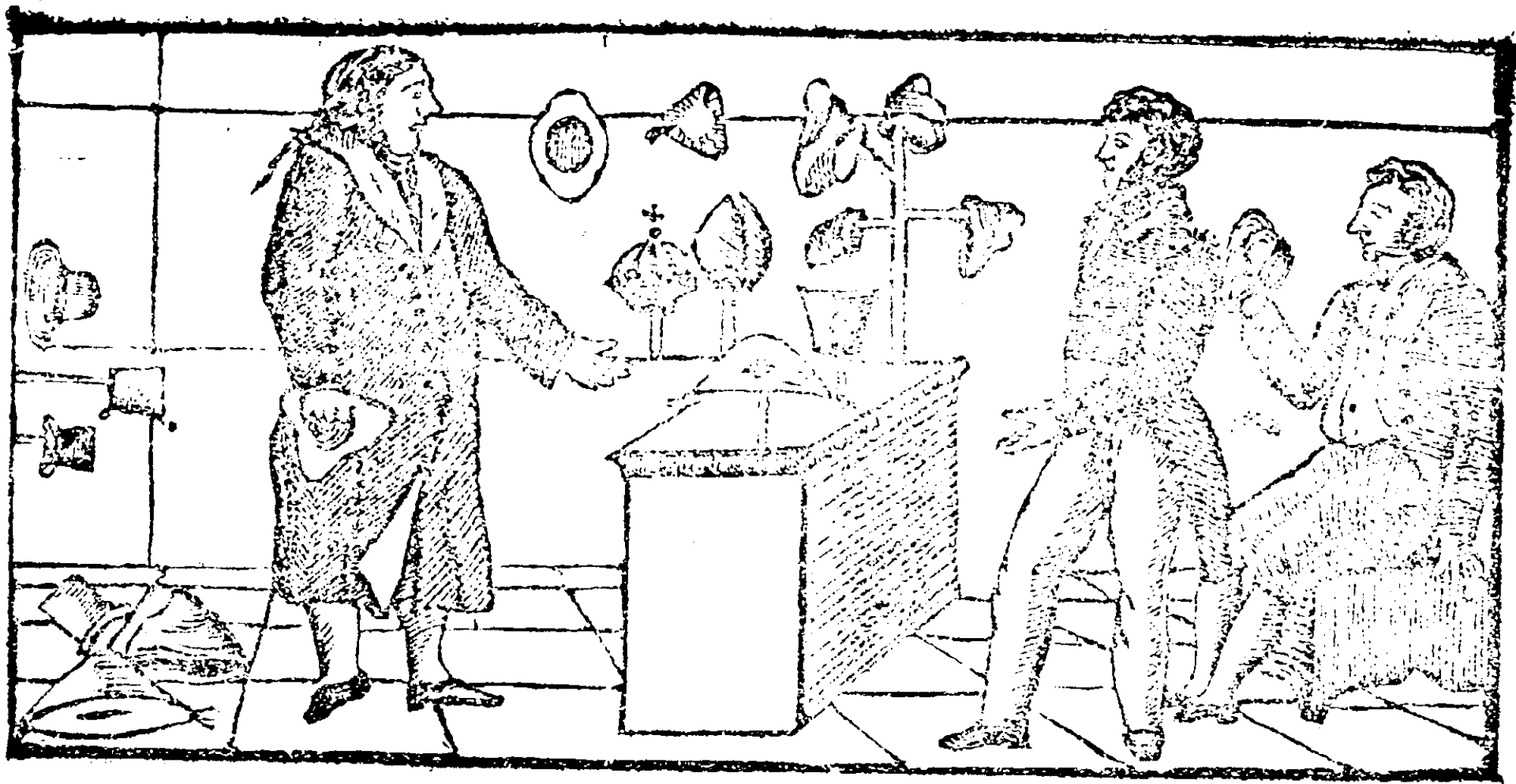


O
CARAPUCEIRO

19 DE AGOSTO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO'PERACCIDENS POLITICO:

*Hui servare modum nostri novere libent
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Grande, e feliz descoberta em o
nosso commercio.*

Muito engenhoso he o espirito d'industria! E ninguem me venha cá dizer, que entre nós está ainda muito atrazada a Sciencia Economica; por que bem poucos tem estudado Smith, Ricardo, Mill, Sismondi, J. Baptista Say, MacCulloch, J. Droz, &c. &c. Em outros tempos, quando era livre, e *mui santamente* permittido o trafico d'escravidão, os navios, que vinhão da costa d'Africa, trazião-nos milhares de braços para a nossa agricultura, e mais serviços; trazião-nos cera, certos panos tecidos, esteiras, marfim, e outros generos d'aquelle paiz em troco d'agoa-ardeente, de missangas; de doces, &c., que para ali mandavamos em nossas especulações. Appareceo a prohibição do trafico de escravidão dos portos d'Africa, e parece, que devia cessar quasi de todo o comércio com aquellas terras, visto ter-se acabado o principal, que era a compra dos nossos semelhantes.

Com effeito nós Brasileiros, que sobre sermos hum alambre de filantropia,

sabemos respeitar a Lei com hum escrupulo Religioso, nunca mais mercadeamos em carne humana; ja nunca mais importamos hum só Africano: e o que se seguiu d'ahi? Abririamos mão do Commercio da costa d'Africa? Não certamente Graças às luzes do seculo, graças ao engenho maravilhoso dos Brasileiros! Se nos deixamos inteiramente da mercancia dos escravos Africanos, descobrimos hum ramo de comércio tanto, ou mais lucrativo, que aquelle, commercio nunca visto sim; mas mui licito, mui decoroso, e que prova sobejamente o nosso progresso na Sciencia Economica. Este novo, e prodigioso ramo de Commercio são *Pipas d'agoa salgada!!!* Quem tal diria? Quem poderia prever, que agoa salgada d'Angola viria a ser hum manancial de riquezas para o nosso Pernambuco? Ora em verdade se nossos pais, e avós resuscitassem, ficarião todos estuporados de pasmo, e admiração à vista da sagacidade, à vista do maravilhoso progresso de seus filhos, e netos. Se pego no Diario, e vou-me às Entradas de embarcações, leio

cada passo - tal navio d'Angola - Car-
 ça -- Pipas d'agoa salgada - Logo, tenho
 eu inferido, a agoa salgada d'Angola
 tem grande prestimo entre nós; porque
 a utilidade na rasão composta da rarida-
 de he a medida do valor das cousas. Se-
 rá agora a agoa salgada d'Angola algum
 especifico de certas enfermidades, e con-
 seguintemente muito estimada nas boti-
 cas? Terá virtude particular para hu-
 medecer, e renovar a carne sécca, afin
 de melhor acodir ao pezo, e por conse-
 guinte muito estimada desses armazens?

Fazendo hum dia este reparo a certo
 maganão, e preguntando-lhe, que pres-
 timo poderia ter agoa salgada d'Angola
 para ser hoje hum tão consideravel ra-
 mo de commercio entre nós; responde-
 o-me com ar zombeteiro nesta substan-
 cia -- Ora, meu amigo, Vm. parece-me
 ainda muito innocente. Pois ignora a
 perfeição, a que tem chegado a Chimi-
 ca? Nós já temos por cá Chemicos mu-
 to mais destros, do que Rosier, Mon-
 gez, de Lametherie, Elainville, Arago,
 e Gay-Lussac. Todas essas pipas d'agoa
 salgada, que Vm. lé nos Diarios vindas
 d'Angola, elles as convertem em negros
 novos; e nem fique por isso muito ad-
 mirado; por que deve de estar lembra-
 do que a Historia diz de Deucalião,
 que converteu pedras em homens, e sua
 mulher Pyrra mudava as mesmas pedras
 em mulheres; e não era menos chimi-
 co, e pelotiqueiro o famoso Cadmo, que
 semeava dentes, e nascião-lhe soldados
 armados, e promptos, como se fos-
 sem para huma revista. Por tanto não
 fique tão espantado com esta nova; por
 que se em seculos barbaros já houve ti-
 tiriteiro tão astuto, e até huma senhora,
 que de pedras fazião gente; não he mu-
 to que hoje, no seculo dos progressos, e
 das luzes, haja quem metamorfozée agoa
 salgada d'Angola em bellos negrinhos
 novos para o serviço dos filhos de Deos.

Que descoberta, amigo e Sr. meu,
 que descobertà! Cà os nossos Chemicos,
 ou Alchimistas derão quinau nos Surs.

Inglezes; por que que importa, que es-
 tes andem cruzando os mares para em-
 barçar o trafico de escravaria; se não
 podem embarçar a exportação, e im-
 portação, d'agoa salgada d'Angola, a
 qual os nossos pelotiqueiros sabem tran-
 substanciar em escravos novos? E que
 bellos pretinhos, todos da natureza de
 Venus! (Dize n, que esta deosa nasce-
 ra da espuma do mar.) Pode haver cou-
 sa mais licita? Não se quebrantão os
 Tractados, não se infringem as leis; por
 que não commerciamos na compra d'es-
 cravos novos: permutamos sim os nos-
 sos generos por agoa salgada d'Angola,
 agoa prodigiosa, que passando por vari-
 as operações dos nossos bons Chemicos,
 toda se converte em molequinhos, em
 negrinhas, &c. &c.!

O que seria de nós, se não fóra a es-
 cravatura? Quem lavraria os nossos
 campos? Quem nos plantaria, limparia,
 e cortaria a cana de assucar? Quem fa-
 ria todo o nosso serviço domestico?
 Quer a raça Africana nascesse de Adão,
 como querem muitos, ou immediata-
 mente de Cão, segundo filho de Noé,
 como entendem alguns, quer lhe pro-
 venha a cor preta de huma reticula, que
 há nelles entre o derma eo piderme; o
 certo he, que Deos, quando os formou,
 foi já destinadamente para supportar o
 pico da cana: e como sem o cultivo des-
 ta planta não poderia subsistir o Brazil,
 segue-se, q' he mui licito, e mui justo o
 captiveiro dos Africanos. He falso, e fal-
 sissimo o dizer-se, que estes são nossos se-
 melhantes; e quando o fossem, o q' nos
 deve dirigir sobre tudo he o nosso inte-
 resse, ou utilidade. Ora os pobres livres
 entre nós não se querem sujeitar ao ser-
 viço, e os poucos, q' se sujeitão, he por
 hum preço exorbitante, e não estão para
 sofrer bofetões, chicotadas, e surras. O
 escravo não he assim. Embora seja elle,
 que nos plante a cana, que lhe dé as lim-
 pas precisas, que a corte, que a metta
 na moenda, que carregue em fim com
 todo o trabalho, ao sol, á chuva, ao frio;

em quanto nós recolhemos contos e contos de reis dos nossas safras; em quanto galeamos a seada, e ricamente; em quanto nos banqueteamos lautamente á custa do seu suor, e muitas vezes á custa do seu proprio sangue, elle contenta-se com hum nojentissimo trapo, que avaramente lhe cobre a vergonha, e mata afome com huma triste porciuncula de carne secca da pior, já por isso conhecida nos armazens com o nome de carne de fabrica, e alguns panhados de farinha: logo não se pode prescindir da escravatura.

Debalde se tem Vm. afanado em seus escriptos por combater a doutrina do interesse, como principio unico de todas as acções moraes. He malhar em ferro frio. Amor do bem absoluto, ou da ordem universal, lei do dever, senso intimo, consciencia, humanidade, Religião, tudo não passa de invento dos homens. O unico principio certo, e ver tadeiro de todas as nossas acções he o interesse pessoal, que se funda na dor, e no prazer: tudo, que nos causa prazer he bom, tudo, que nos causa dor he mau.

Hum vez admittido o principio unico da *Utilidade*, como reprovar a escravatura? O Patriarca do Egoismo, J. Bentham define assim a Utilidade -- A propriedade de huma acção, ou de hum objecto em augmentar a somma de felicidade, ou em diminuir a somma de desgraças do individuo, ou da pessoa collectiva, sobre aqual pode influir a acção, ou o objecto. -- Ora o captiveiro dos pretos da costa d'Africa augmenta a somma de felicidade dos mesmos pretos, e de quem os compra, e diminue a somma de desgraças destes, e d'aquelles; logo a escravatura no Brazil he cousa util, quero dizer; he do interesse bem entendido de hum, e de outro. E quererá Vm., q' lhe prove a menor deste meo syllogismo? O preto na sua terra he indubitavelmente mais infeliz, do q' em a nossa. Alli está sujeito a todos os descommodos, males da vida selvagem: ali pelo seu

direito de Guerra, em que sempre vem, será assassinado, se for vencido, e muitas vezes pode ser pastos de inimigos antropofagos: ali he quazi sempre captivo de seus Regulos: aqui melhora sem duvida de condição; e quem o compra desfructa-lhe o serviço; e se para isso emprega hum capital; este não lhe he improductivo. Embora se diga, que o capital, empregado na escravatura, daria muito maior lucro, se fosse empregado em assalariar braços livres; porque em verdade não há, nem pode haver essa aquisição de braços livres para o fabrico do assucar no Brazil; e em tal caso melhor he algum lucro, do que nenhum: e nem se diga, que todos perdemos com a compra d'escravos; porque se assim fosse, ninguem os quereria. Logo a escravatura he util no Brazil.

Mas crescendo o numero d'escravos (replicação os devotos Benthistas) podem algum dia sublevar-se, e causar-nos a todos males horriveis: mas a isto respondo, que tal consideração não entra, nem deve entrar no calculo da Arithmetica Moral; porque que força pode ter huma dor conjectural, huma dor possível, ou contingente á par de hum prazer effectivo, e presente? O levante dos escravos ou apparecerá, ou não, e bem se pode acautelar com boas leis repressivas; mas o assucar, que me elles fabricão he hum prazer real, prompto, e actual, e consequentemente o conservar a escravatura he do bem entendido interesse do Brazil.

Creia, meu Amigo, o que lh'eu digo. Vm. está na Cidade, e não vé as cazas? Deixe-se de velhas theorias do Claustro, ou do tempo do Rei velho. Liberdade moral, direitos do homem, leis naturaes, virtude, e vicio são sonhos, são quimeras, são inventos de fanaticos: o que há de anicadamente real he o interesse de cada hum, he a Arithmetica Moral, que faz que o esperto embace ao tolo. Ilu filho não deve amar a seu pai, se não por calculo: em o pai não lhe po-

dendo ser mais util, ou causando-lhe encommo, fóra com elle: acabou-se o amor. Quando huma mãe perde as noites, e toda se esquece de si para pensar, e animar o filhinho, não faz tudo isto, se não por calculo. O assassino, que crava o punhal no seio do seu semelhante, rigorosamente não he criminoso; pois onde não há lei do dever não se pode dar remorso; o que elle he, he mau calculista, e nada mais. A intenção em qual quer acto moral he cousa, de que se não deve fazer caso, he sifra à esquerda dos numeros; por que por melhor, que seja a minha intenção, eu serei desgraçado na rasão somente do erro do meu calculo: finalmente, olhe para o nosso mundo, como elle realmente está doutrinado pela luminosa tocha de Epicuro, que ao depois foi tão destramente espivitada por Hobbes, por Diderot, e J. Bentham, e ainda mais este ultimo, que he o Manual Politico, e Moral do grande tom entre nós. Deos, se he, que o há, não fez o homem, se não huma machide calculos, e quiz, que nestes consistisse toda a moralidade das nossas acções. Quando eu salvo ao meu semelhante, que luta com as ondas; quando de o ver neste perigo, e arremegar-me ao rio, ou mar para o livrar não ponho em meio hum instante, esta minha accção he primeiramente elaborada por hum calculo de consequencias, que podem ir de mim até o Preste João das Indias. Quando o selvagem me dá de comer, e de beber em hum bosque, por onde me descarreci, não o faz, se não em virtude de hum calculo, isto he; mata-me a fome, e a sede na consideração, de que algum dia virá de passeio até a Cidade do Recife, e quererá, que lh'eu pague na mesma moeda. Este

mundo; meu Amigo, he huma grande meza de Voltarète, em cujo jogo só ganhão os mais destros. Os melhores calculistas são senhores de tudo: e como os Africanos o são muito menos, que nós, fazemo-los escravos. E quer maior prova da nossa habilidade, do nosso adiantamento, do que sabermos converter em escravos as pipas d'agoa salgada d'Angola? Assim continuamos a ter quem nos sirva sem fazermos contrabando, e sem violarmos a lei, valendo-nos somente da pericia da nossa Chimica.

Nada mais disse o socarrão do meu Amigo, e eu de queixo cahido fiquei sem lhe saber responder.

—••••—
 Snr. Redactor.

Vm. seguramente não vai á nossa Igreja Cathedral de Olinda; por que se fóra alguma vez, não deixaria de tallhar carapuças para alguns Snrs. Conegos, que se appresentão no Còro, e até no Altar calçados de botas. Ora isto parece-me muita sem-ceremonia com as cousas Sagradas. Até já vi ali hum Sacrista de tamancos, cantando na musica. Que exemplo nos dão a nós outros leigos Suas SS. Prebendadas? Aposto eu, que esses Snrs. Conegos não irião, de botas á casa do Exm. Prezidente da Provincia. A каза de Deos sim, pode-se ir á fresca. Nada, Sr. Redactor, carapuças nesses Snrs., a ver, se se corrigem. Hum Padre de batina, e de botas, já não he decente, quanto mais na Igreja, e no Altar! Sou Snr. Redactor, seu constante leitor.

O Sacristão jubilado,